

**UNIACADEMIA - CENTRO UNIVERSITÁRIO
THIAGO MORAES TANNÚS**

A CRÍTICA DE FEUERBACH AOS FUNDAMENTOS DO CRISTIANISMO

Juiz de Fora
2020

THIAGO MORAES TANNÚS

A CRÍTICA DE FEUERBACH AOS FUNDAMENTOS DO CRISTIANISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Filosofia do Centro Universitário UniAcademia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira

Juiz de Fora
2020

TANNÚS, Thiago Moraes. **A crítica de Feuerbach aos fundamentos do cristianismo**. Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Graduação em Filosofia, do Centro Universitário UniAcademia, realizado no 2º semestre de 2020.

:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pe. Rômulo Gomes de Oliveira
Orientador

Prof.^a. Ms. Regina Lúcia Praxedes de Meirelles
Leitora – Centro Universitário UniAcademia

Prof.^a Dra. Mabel Salgado Pereira
Presidente da Banca – Centro Universitário UniAcademia

Examinado(a) em: 07 / 12 / 2020.

Aos meus pais, Eliane Araújo Moraes Tannús e José Antônio Ribeiro Tannús, pela contribuição que proporcionaram à minha formação.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à congregação dos Filhos da Divina Providência, sem os quais não seria possível a realização desta pesquisa.

RESUMO

TANNÚS, Thiago Moraes. **A crítica de Feuerbach aos fundamentos do cristianismo**. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia). UniAcademia - Centro Universitário, Juiz de Fora, 2020.

Este trabalho tem por objetivo analisar a crítica desferida por Ludwig Feuerbach aos fundamentos do cristianismo em sua obra mais conhecida, intitulada *A essência do cristianismo* (2013). Para se entender tal crítica, faz-se necessária uma breve apresentação do pensador alemão, com a finalidade de desvelar o contexto histórico em ele está inserido e como esse ambiente influenciou seu pensamento. Na obra supracitada, o filósofo apresenta sua principal tese: que a “teologia é antropologia”. Para corroborar sua tese, ele primeiro apresenta a essência do homem como sendo a própria consciência deste, depois, chegar à essência da religião, que seria a essência do homem externalizada. Para Feuerbach, Deus é apenas a essência do homem, na qual este projeta aquilo que ele deseja ser, mas não consegue realizar, ou seja, Deus é a negação do próprio homem. Por isso, o filósofo defende que para ser realmente livre o homem deve libertar-se da religião e do seu poder alienante e unir-se à filosofia, onde essa liberdade lhe seria concedida. Além destes pontos, o presente trabalho aborda outras temáticas como: os fundamentos do cristianismo, com reflexões acerca de seus principais mistérios, e algumas das contradições presentes no cristianismo, segundo Feuerbach, como, por exemplo, a contradição na essência e na existência de Deus, na trindade e entre fé e amor.

Palavras-chave: Feuerbach. Cristianismo. Antropologia. Contradições religiosas.

ABSTRACT

This work aims to analyze the criticism made by Ludwig Feuerbach to the foundations of Christianity in his best known work, entitled *The essence of Christianity* (2013). To understand such criticism, a brief presentation by the German thinker is necessary, in order to unveil the historical context in which he is inserted and how this environment influenced his thought. In the aforementioned work, the philosopher presents his main thesis: that "theology is anthropology". To corroborate his thesis, he first presents the essence of man as his own conscience, and then he reaches the essence of religion, which would be the essence of man externalized. For Feuerbach, God is just the essence of man, in which he projects what he wants to be, but cannot achieve, that is, God is the negation of man himself. For this reason, the philosopher argues that in order to be truly free, man must free himself from religion and its alienating power and join philosophy, where this freedom would be granted. In addition to these points, the present work addresses other themes such as: the foundations of Christianity, with reflections on its main mysteries, and some of the contradictions present in Christianity, according to Feuerbach, such as, for instance, the contradiction in the essence and in the existence of God, in the trinity and between faith and love.

Keywords: Feuerbach. Christianity. Anthropology. Religious contradictions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 AS ESSÊNCIAS E A SUA CONTRADIÇÃO	10
2.1 A ESSÊNCIA HUMANA	10
2.2 A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO	12
2.3 DEUS E A CONTRADIÇÃO NA SUA ESSÊNCIA	15
3 OS FUNDAMENTOS DO CRISTIANISMO	19
3.1 O MISTÉRIO DE CRISTO COMO DEUS PESSOAL	19
3.2 O CONTRASTE ENTRE CRISTIANISMO E PAGANISMO	21
3.3 A OPÇÃO ENTRE O CÉU CRISTÃO OU A IMORTALIDADE	23
4 AS CONTRADIÇÕES	27
4.1 A CONTRADIÇÃO NA EXISTÊNCIA DE DEUS	27
4.2 A CONTRADIÇÃO NA TRINDADE	29
4.3 A CONTRADIÇÃO ENTRE FÉ E AMOR	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

O tema religião é muito caro à Filosofia, que, desde os seus primórdios, tenta entender a relação entre o homem e a fé. Relação que vem sendo tratada desde a antiguidade com ênfases variadas. E, quando se chega à contemporaneidade, temos como base a crítica dos chamados mestres da suspeita, Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud. Este é um trabalho de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, através da leitura e interpretação de obras, que se ateve, mais especificamente, à crítica de Feuerbach, em seu trabalho intitulado **A essência do cristianismo**.

Mas quem foi Feuerbach? Ludwig Feuerbach (1804-1872) foi um filósofo alemão que nasceu em Landschut, na Baviera, e em 1823 iniciou os estudos teológicos em Heidelberg, mas logo se interessou e migrou para a filosofia. No ano seguinte, começou a frequentar as aulas de Hegel na cidade de Berlim. Em 1828 obteve a livre docência com sua tese ***De ratione una, universali, infinita***, tese esta que corrobora uma maneira de pensar diferente daquela de Hegel.

Seu temperamento radical e independente fez com que sua carreira acadêmica fosse breve e, desta forma, ele acabou dedicando um tempo maior à reflexão e à escrita. Entre suas principais obras, podem ser citadas a **Crítica da filosofia hegeliana** (1839), **A essência do cristianismo** (1841), **Princípios de uma filosofia do futuro** (1843), **A essência da religião** (1845), **O mistério do sacrifício ou o homem é o que ele come** (1862), **Espiritualidade e materialismo** (1866).

Em sua obra de maior destaque, **A essência do cristianismo**, Feuerbach tenta explicar a religião pela vertente antropológica ao afirmar que a mesma é antropologia. Feuerbach coloca o homem como o ponto de partida da nova filosofia, que seria superior a religião, pois a segunda seria parte integrante da primeira. Segundo Giovanni Reale, Feuerbach colocou o problema da religião em todas as fases de seu pensamento. Como o próprio filósofo alemão define, “meu primeiro pensamento foi Deus, meu segundo pensamento foi a razão, meu terceiro e último pensamento foi o homem” (FEUERBACH apud REALE, 1991, p. 172).

Urbano Zilles (1991) nos explica esses três momentos da vida do pensador alemão, indicando que o primeiro pensamento foi Deus, porque, na sua juventude, Feuerbach queria ser pastor luterano; e, através de seus professores de dogmática, conheceu Hegel e, aí, veio o segundo momento, quando se interessou pela razão e se tornou hegeliano, chegando a lecionar na universidade de Erlangen. Lecionou até

o momento em que entrou em conflito com o meio acadêmico pela publicação de sua obra **Pensamentos sobre a morte e a imortalidade** (1830), que, então, fora apreendida pela polícia. Seu terceiro momento, dedicado ao homem, é marcado pelo seu afastamento de Hegel, a fim de “superar a distância entre imanência e transcendência não só no pensamento, como Hegel, mas também na realidade prática” (ZILLES, 1991, p.103-104).

A obra **A essência do cristianismo** foi aqui assumida como objeto de análise, a fim de tentar explicar como a antropologia defendida pelo pensador alemão remodela a concepção tradicional de religião por meio de críticas dirigidas aos fundamentos religiosos, em geral, e ao cristianismo, especificamente. Para tal, o trabalho foi dividido em três seções centrais. Assim, as próximas seções abordarão, respectivamente: as essências do homem e da religião e sua contradição, os fundamentos do cristianismo e as contradições na existência de Deus, na trindade e entre fé e amor.

Para a realização deste trabalho monográfico, foram utilizadas, além da obra principal, intitulada **A essência do cristianismo** (2013), as obras **História da Filosofia** (1991), de Giovanni Reale, e **Curso de Filosofia** (1981), de Battista Mondin, para contextualizarmos o momento em que a obra foi escrita. Com a finalidade de dar uma fundamentação teórica ao trabalho, foram utilizadas as seguintes obras: **Sentido da crítica à religião no pensamento de Ludwig Feuerbach** (2015), de Arlei de Espíndola; **Filosofia transcendental e religião: Ensaio sobre a filosofia da religião em Karl Rahner** (1984), de Manfredo Araújo de Oliveira; **O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feuerbach** (1994), de Draiton Antônio Gonzaga; **O pensamento alemão: de Lutero a Nietzsche** (1973), de J.-E. Spenlé; e **Filosofia da Religião** (1991), de Urbano Zilles. E, a fim de elucidar os conceitos necessários para a concretização do trabalho monográfico, foi utilizado o **Dicionário de Filosofia** (2007), de Nicola Abbagnano.

2 AS ESSÊNCIAS E A SUA CONTRADIÇÃO

Segundo Nicola Abbagnano (2007) essência é o que determina o que um ser, um objeto ou uma coisa é ou não é. Por isso, com a finalidade de melhor entender a crítica de Feuerbach ao cristianismo é importante que se compreenda primeiro alguns conceitos que serão apresentados nesta seção, que são os de: essência do homem, essência da religião e também a contradição na essência de Deus.

2.1 A ESSÊNCIA HUMANA

Feuerbach começa seu texto fazendo uma analogia entre o homem e o animal a fim de descobrir o que diferencia a essência de ambos. Qual seria essa diferença? Para o filósofo, o que difere o homem do animal, primeiramente, é que o animal não tem religião. Outra resposta mais simples e mais comum seria que a diferença é apenas a consciência. Segundo Feuerbach, a diferença consiste exatamente no fato de que o primeiro tem consciência, em seu sentido rigoroso, enquanto o segundo a tem somente no sentido de si próprio.

Ao comparar o homem ao animal, pode-se observar que ambos possuem consciência no sentido de si próprio, ou seja, como indivíduo, mas somente o primeiro pode ser objeto para si como gênero, e isso significa dizer que somente o homem é capaz de se colocar no lugar do outro. A partir daí, compreende-se o porquê, em ambos os seres, observa-se uma vida interior e outra exterior, porém, enquanto no animal essa vida é simples, isto é, a vida interior é idêntica à exterior, no homem essa vida é dupla, e isso implica dizer que a vida interior difere da exterior, exatamente por causa da sua essência.

Essa diferença entre as essências humana e animal é que fundamenta e objetifica a religião. Segundo Gonzaga (1994), a mesma essência é que faz com que a religião seja colocada como consciência do infinito uma vez que, se o homem não tivesse uma essência infinita, ele não poderia conceber a infinitude da consciência. Como o próprio Feuerbach nos diz:

Mas a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem de sua essência não finita, não limitada, mas infinita. Um ser realmente finito não possui a mínima ideia, e muito menos consciência, do que seja um ser infinito, porque a limitação do ser é também a limitação da consciência (FEUERBACH, 2013, p. 36).

Partindo da ideia de finitude do ser para explicar a consciência, o pensador alemão coloca o exemplo da lagarta que tem seu espaço de vida limitado a uma determinada espécie de planta e até pode ser capaz de distinguir entre uma e outra espécie de planta, mas não sabe. A essa consciência animal e limitada o autor chama de instinto, pois ele nos diz que os conceitos de consciência no sentido rigoroso e consciência de infinito são inseparáveis e isso pelo fato de que “A consciência do infinito não é nada mais que a consciência da infinitude da consciência” (FEUERBACH, 2013, p. 36).

A partir dessa infinitude da consciência é que o Feuerbach define a essência humana, ou seja, a humanidade do homem, que consiste em um tripé composto pela razão, pela vontade e pelo coração. Segundo ele, um homem completo possui essas três forças, que são sua essência absoluta e a finalidade de sua existência. Como afirma Souza (1994):

Estas forças são essenciais, porque através delas a essência do homem, transcendendo indivíduos, impulsiona-os para além dos limites de sua finitude: a razão tende a continuação indefinida da reflexão; a vontade ética é, em si mesma, incondicionada e o poder do sentimento rompe todos os limites no ato de doação plena (SOUZA, 1994, p. 52).

Com isso, pode-se dizer que ao reunir essas três forças, que são perfeições, de acordo com Feuerbach, o homem é forçado a sair de seu interior e, assim, realizar sua essência enquanto espécie. Desta forma, o homem revela que nada é sem um objeto, isto é, sem um objetivo. Para Feuerbach, o objeto, ou seja, a religião, é essencial para a vida do homem; sem isso não é possível o homem conhecer-se, já que o objeto é a sua essência revelada.

Assim, o homem compreende que cada objeto tomado por ele é a sua própria essência e que este mesmo objeto não será nada para o homem se ele não se autoafirmar por meio da autoconsciência. Isso só ocorre pela impossibilidade de concebermos as três forças supracitadas como limitadas e finitas, ou seja, nulas. Feuerbach nos explica isso pela sinonímia existente nos conceitos de nulidade e finitude: a primeira, que é a expressão metafísica e teórica, é um eufemismo da segunda, que é a expressão patológica e prática e que por isso “o que é finito para a razão é nulo para o coração” (FEUERBACH, 2013, p. 39).

A partir desses conceitos, entende-se o motivo pelo qual o homem é capaz de se olhar no espelho e se sentir satisfeito com a sua própria imagem. Essa satisfação

provém do amar, do querer e da razão que, por serem perfeições, fazem com que o homem, através de sua consciência, busque sempre a perfeição. Mas essa perfeição contida na beleza de sua imagem de ser voltado à infinitude ou não limitação, se torna vaidade quando ele namora a sua própria forma individual e não quando admira a forma humana, isto é, o gênero.

Com isso, pode-se entender que a infinitude do ser está contida em si mesmo, pois nenhum ser pode se negar pelo fato de que ao fazer isso negará a sua própria essência, ou seja, todo ser tem no seu Deus a sua mais alta essência. E por isso Feuerbach nos diz que a limitação de um ser só existe para outro ser que é superior a ele. Assim compreende-se a seguinte colocação do pensador alemão:

Portanto, se pensas o infinito, pensas e confirmas a infinitude da faculdade de pensar; se sentes o infinito, sentes e confirmas a infinitude da faculdade de sentir. O objeto da razão é a razão enquanto objeto de si mesma, o objeto do sentimento o sentimento enquanto objeto de si mesmo (FEUERBACH, 2013, p. 41).

Desta forma, compreende-se por que o sentimento é colocado como a essência da religião, justamente pela impossibilidade de se separar a essência divina da essência do sentimento humano. Assim vê-se o sentimento como um órgão infinito da religião pelo fato de esta ser um subjetivismo humano e por conseguinte, Deus pode ser definido como sendo o sentimento puro, ilimitado, livre, em vez de uma entidade sobrenatural externa, caracterizada por independência e transcendência ontológicas. Ao conceber Deus dessa maneira, o homem acaba por abstrair de si mesmo a essência divina.

2.2 A ESSÊNCIA DA RELIGIÃO

Ao abstrair de si mesmo a essência divina, o homem cria para si a necessidade de ter uma religião, e é aí que Feuerbach diz que Deus é a projeção do homem, ou seja, pelo fato de não conseguir satisfazer as suas necessidades com plenitude o homem cria Deus como um reflexo seu, numa estratégia psicológica de compensação. Isso significa que o ente divino acaba por ter as mesmas características do humano e isso faz o pensador germânico dizer que as religiões cristãs são baseadas no relacionamento do homem com a sua própria essência, pois a essência divina é apenas a essência do homem abstraída das limitações humanas e por este motivo

todas as qualidades da essência divina são encontradas de forma limitada na essência humana.

Ao colocar Deus como a essência humana abstraída de suas limitações, na verdade o que o homem adora é ele mesmo e, aí, podemos entender a afirmação de Feuerbach de que tanto a consciência quanto o conhecimento de Deus que o homem tem na verdade são um autoconhecimento. Mas nem sempre o homem tem consciência de sua própria essência e por isso concede à religião uma dupla característica, como podemos ver quando averiguamos identidade e diferença, verdadeiro e falso, antropológico e teológico, dentre outras características. Por isso Souza afirma:

Este duplo traço é de tal maneira característico da religião, que ela mesma pode ser definida como dupla e sua dinâmica consiste em criar divisão, pois na religião o homem tem consciência de sua essência como se lhe fosse alheia e contraposta, como um ser estranho (SOUZA, 1994, p. 64).

Segundo Feuerbach, é devido a esta característica dupla que a religião acaba por sofrer um processo de cisão, que não diz respeito a dois seres que sejam estranhos um ao outro. Esta cisão ocorre justamente entre o homem e Deus e só pode ser entendido a partir do momento em que se concebe a ideia de que a religião só nega no homem aquilo que pode ser objetivado em um nível superior, ou seja, “O homem afirma em Deus o que ele nega em si mesmo” (FEUERBACH, 2013, p. 56).

Souza questiona sobre qual seria a origem e a razão da religião se, para realizá-la, o homem tem que negar a si mesmo para afirmar o seu Deus. Após este questionamento, Souza nos diz que a religião apenas nega algo no homem para que este o recobre em um plano superior, ou seja, ela nega não para dividir o homem, mas para que o homem seja capaz de recriar sua identidade numa forma mais rica. Isto é o mesmo que dizer que a finalidade da religião seria o próprio homem, mas ao invés de seguir pelo caminho mais direto e, portanto, mais curto, opta pelo caminho mais longo e recorre a Deus para isso. Isto leva Feuerbach a afirmar que a oposição entre o humano e o divino é apenas ilusória, pelo fato de ser apenas a oposição entre a essência do homem e o indivíduo humano e isso faz com que o conteúdo da religião cristã ser inteiramente humano.

Para explicar isso, Oliveira (1984) argumenta que, embora a negação faça parte do processo de autorrealização do homem, no qual Deus se manifesta apenas quando é oportuno e necessário e por isso há uma tensão existencial entre essência

humana e o indivíduo humano. Tensão esta gerada pela religião e da qual o homem só será liberto quando puder fazer uma reflexão consciente sobre essa condição projetiva. Por esse motivo é que Feuerbach interpreta a religião como a essência infantil da humanidade, pois o ser humano como que projeta sua essência fora de si. Assim como faz uma criança quando projeta e fixa a sua essência fora de si em pessoas que podem ser os seus pais ou qualquer outra pessoa com a qual ela nutre alguma admiração.

Por isso em toda parte a religião precede a filosofia, tanto na história da humanidade quanto na história do indivíduo. O homem transporta primeiramente a sua essência para fora de si antes de encontrá-la dentro de si. A sua própria essência é para ele objeto primeiramente como uma outra essência (FEUERBACH, 2013, p. 45).

Um grande exemplo deste transporte da essência para fora de si está na diferença entre o pelagianismo e o agostinianismo, pois enquanto o primeiro diz que o bem está diretamente no homem, o segundo nega o bem ao homem, colocando-o em Deus, que, por sua vez o concede ao homem. Este transporte concede ao conceito de religião uma ambiguidade pelo fato de que a constitui tanto como uma negação do homem como uma afirmação de Deus. Devido a esta constituição é que a religião se torna, ao longo da história, um produto das necessidades humanas.

Ao se apresentar como sendo um produto das necessidades humanas, é que se entende o caráter ilusório que Feuerbach atribui à religião, concebendo-a como falsa consciência do homem e por isso Deus seria a verdadeira consciência objetivada pelo homem, mas negada em si mesmo. Por esse motivo ilusório é que o pensador alemão entende que a freira se casa com Deus e que os monges têm em Maria a imagem da mulher ideal, negando o lado sensual do amor e levando-os a proferir o voto de castidade para com a essência divina, isto é, Deus.

Nesta negação é que Feuerbach decreta a eliminação do Deus transcendente por parte do homem para que este descubra que a relação do Eu-Tu é que é o caráter fundamental da experiência do outro. Nesta substituição, percebe-se que o único elemento no qual há uma mudança no conceito de religião, para Feuerbach, é no elemento principal da relação que deixa de ser Deus para se tornar a consciência humana, ou seja, o gênero.

É nesta transformação do conceito que se entende a afirmação feuerbachiana de que teologia é antropologia, ou seja, a visão que o ser humano tem de Deus é, em

seu fundamento, a visão que ele tem dele mesmo super-projetado, a consciência humana relativa a Deus não é nada mais que a consciência do homem e que este é que é o ser absoluto. Por isso pode-se afirmar a partir de Feuerbach que, num sentido positivo, a religião pode ser associada à antropologia enquanto a teologia, num sentido negativo, seria assimilada à filosofia especulativa. Essa concepção do autor o leva a inferir o seguinte:

O progresso histórico das religiões é apenas o que era considerado pelas religiões mais antigas como algo objetivo, é tido agora como algo subjetivo, i. e., o que foi considerado e adorado como Deus é agora conhecido como algo humano. A religião anterior é para a posterior uma idolatria: o homem adorou a sua própria essência. O homem objetivou-se, mas não reconheceu o objeto como sua própria essência; a religião posterior dá esse passo; todo progresso da religião é por isso um mais profundo conhecimento da religião (FEUERBACH, 2013, p. 45).

Seguindo esse raciocínio quanto ao progresso das religiões na história, o filósofo compara os israelitas e os cristãos para dizer que para os primeiros o poder da religião se estendia a questões alimentícias e que para os últimos essas questões ficaram por conta do próprio homem em crescente racionalização. Essa mudança de mentalidade é que faz com que Feuerbach caracterize o cristão como sendo um *esprit fort* ou seja, um espírito livre, pois para ele o que é religião hoje pode deixar de ser amanhã e o que hoje temos por ateísmo amanhã pode passar a ser religião.

2.3 DEUS E A CONTRADIÇÃO NA SUA ESSÊNCIA

Ao se entender que o progresso histórico gera um aprofundamento da religião, compreende-se por que a contemplação imediata, espontânea e inconsciente forma o caráter da religião, isto é, a essência dela. Esta essência, por ser contemplada de forma externa pelos indivíduos, faz com que Feuerbach a caracterize como sendo fonte inexaurível de ilusões, contradições e sofismas. O pensador alemão ilustra bem estas características ao falar do conceito de Deus, entendido por ele como ponto central da sofística cristã que por isso cria este Deus como um ser insondável e incompreensível.

Arlei de Espíndola (2015) explica o conceito de Deus, definindo-o como um objeto religioso abstrato, imensurável e, por isso, enquanto entidade, Ele não aparece empiricamente. Sua aparição se dá na forma de imagem, de representação, por meio

da capacidade do ser humano de fantasiar, imaginar e pôr em ação seus sentimentos, ou seja, seu coração. Desta forma pode-se compreender quando Feuerbach afirma:

O conceito fundamental é uma contradição que só é ocultada por sofismas. Um Deus que não se preocupa conosco, que não escuta nossos pedidos, que não nos vê e não nos ama, não é um Deus; o humanitarismo torna-se, portanto o predicado essencial de Deus; mas ao mesmo tempo significa: um Deus que não existe para si, fora do homem, acima do homem, como um outro ser, é um fantasma, portanto torna-se o não ou extra-humanitarismo um predicado essencial da divindade (FEUERBACH, 2013, p. 217).

Esse conceito de Deus é contraditório para Feuerbach, porque se baseia na impressão que a fantasia psicológica exerce sobre a afetividade humana. Fantasia esta que corresponderia à essência original da religião, com base na relação entre Deus e o homem. Esta relação, por sua vez, seria pautada por uma distinção meramente quantitativa, explicada pelo fato de o ente divino ter todas as características do humano, mas em proporções infinitamente superiores. Assim, Deus seria um pseudo-ser abstraído da sensorialidade limitada dos humanos e que por isso obtém as características de eternidade, onipresença e onisciência, ou seja, Ele está presente em todos os tempos, em todos os lugares, e é objeto todo particular. Resumindo Deus é “tudo que é sensorial sem distinção, sem tempo e sem delimitação local.

É nesse tripé divino que se origina o efeito benéfico da religião, pelo fato de ela conceder ao homem uma liberdade que é dada pela ampliação de sua consciência sensorial, isto é, o mesmo que dizer que na religião o homem é livre enquanto fora dela ele é limitado . Por esta razão o religioso não tem nenhuma necessidade de cultura, pelo fato de pela onisciência divina o homem superar os limites de seu próprio saber. Feuerbach explica isso falando que os hebreus, por exemplo, não tinham nenhuma necessidade de arte ou ciência pelo fato de Jeová¹ lhes suprir esta necessidade.

Dessa forma o que antes era uma diferença apenas quantitativa se transforma em uma diferença qualitativa, ou seja, o que antes era uma impressão da fantasia agora se torna uma qualidade objetiva, uma incompreensibilidade real, isto é, podemos entender **o que** Deus faz, mas nunca **como** ele faz:

¹ "Jeová" é a forma do nome de Deus empregada na edição em português de A essência do cristianismo utilizada nesta monografia, mas há a forma mais comum, que é Javé ou Yahwe.

Que, por exemplo, o predicado do criador cabe essencialmente a Deus, que ele criou o mundo não de uma matéria existente, mas do nada, através da sua onipotência, isto é claro, certo; indubitavelmente certo; mas *como* isto é possível é uma questão que ultrapassa a nossa inteligência. Isto significa: o conceito genérico é claro, certo, mas o conceito especial é obscuro, incerto (FEUERBACH, 2013, p. 220).

Feuerbach nos afirma que o conceito de atividade imputado a Deus, ou seja, do criar, do fazer, é dado pelo ser humano de forma automática, posto que, diante desse caráter ativo, sente a liberdade, a eternidade, a felicidade, mas, diante do caráter passivo tem sentimentos contrários a esses. Para o ser humano, Deus é este conceito da alegria pura e ilimitada quando faz algo que gosta e com isso não se sente limitação alguma por esta atividade estar ligada à essência humana. Com isto ao tentarmos entender como Deus criou tudo isto se torna incompreensível por desta forma nos depararmos como o fato de Deus ter criado tudo junto sem distinção alguma e isso faz com que o ser humano conceda a ele a característica da onipotência.

Por isso a onipotência divina só pode ser compreendida a partir da ideia de que tudo, isto é, o conjunto de todos os acontecimentos e fenômenos do mundo é originado por Deus. Sendo assim o autor diferencia criação e fabricação e concebe o primeiro como sendo divino ato e o último, humano. Mas, no fim das contas, a tese de Feuerbach é que a distinção entre a atividade humana e a divina é nada, o que faz de Deus mera projeção da essência humana. Assim, pode-se entender quando Feuerbach afirma que Deus deveria ser algo diferente mas na verdade não o é e é justamente e por este nada da distinção ser oculto perante todas as qualidades divinas e é daí que se dá o nada oficial que distingue a teologia e a antropologia.

Desse modo, compreende-se com mais clareza quando o filósofo faz comparação entre o panteísta e o religioso, afirmando que, para um, o homem é uma parte da essência divina e, para o outro, o homem é a imagem de Deus, ou seja, tem origem divina. Assim é que o ser humano estabelece a sua dependência de Deus, pois este é o Pai. Mas, talvez ironicamente, Feuerbach lembre a seu leitor que tal dependência é mútua pelo simples fato de que um pai não pode ser pai se o filho não existir, ou seja, ambos são um ser em comum. Com isso, o filósofo insinua que pai e filho são o mesmo, neste caso, o filho, que projeta um pai de quem crê ter vindo e cuja proteção lhe está garantida.

Esta complementaridade é que faz Feuerbach acusar a religião de ser um mecanismo psicológico ilusório e emotivo que contempla um ser único como se fosse

duplo. Esta duplicidade só pode ser distinguida ao compreendermos a ideia de personalidade que deixa transparecer na unidade divina uma divisão aparente que apenas é afirmada pela razão e negada pela imaginação.

3 OS FUNDAMENTOS DO CRISTIANISMO

Ao se mencionar a expressão **fundamentos do cristianismo**, logo vem à mente o extenso arcabouço que fundamenta a religião cristã. Mas o objetivo desta seção não é esgotar todo esse arcabouço fundamental. Aqui serão tratados três aspectos: o mistério do Cristo enquanto um Deus pessoal, a distinção entre cristianismo e paganismo e, por fim, o céu cristão enquanto destino humano de imortalidade.

3.1 O MISTÉRIO DE CRISTO COMO DEUS PESSOAL

Feuerbach classifica os dogmas centrais do cristianismo como sendo anseios do coração humano considerados realizados. Isso seria o mesmo que dizer que a essência do cristianismo é a essência da afetividade. Por isso, para o cristão é mais agradável sofrer que agir, ou seja, é melhor saber que o ser humano é amado por Deus que simplesmente praticar o amor-próprio. Isso leva o pensador alemão a definir a afetividade como sendo de natureza semelhante à onírica. A afetividade se expressa, portanto, como sonho, que nada mais é que o oposto da consciência em estado de vigília. E todos esses motivos elencados levam Feuerbach a considerar:

Eu me penso – não é afetivo, é racionalístico; eu sou pensado por Deus e só me penso como pensado por Deus – é afetivo, é religioso. A afetividade é o sonho de olhos abertos; a religião é o sonho da consciência desperta; o sonho é a chave para os mistérios da religião (FEUERBACH, 2013, p. 154).

Para que se compreendam os mistérios da religião, é necessário entender primeiro que a lei magna da afetividade é dada pela “unidade imediata entre a vontade e a ação, entre o desejo e a realidade”. Em razão dessa lei é que o filósofo germânico nos diz que o que é desejado já é realizado e que o único meio para se conseguir e merecer a felicidade é condicionado pela moral. Esse condicionamento moral se realiza de modo heterônomo, projetando em Cristo o princípio e a referência da moralidade.

Os cristãos têm em Cristo o Redentor, aquele que satisfaz todas as necessidades morais do ser humano para que este não se valha de seus próprios meios para conseguir o que anseia. Por esse motivo Cristo se coloca como uma nova lei que: quem a cumpre substitui a anterior de caráter puramente normativo por esta

de caráter afetivo, que faz do jugo da obediência a Deus suave e manso. Suavidade e mansidão que são características de uma lei que não apenas comanda, mas que também dá exemplo e motivação, fatores que por si só redimem os pecados.

Em geral, os povos antigos apostavam no fato de que se a virtude pudesse ser vista, ela certamente arrastaria muitos pelo seu exemplo. É o que acontece no cristianismo, segundo Feuerbach. Para ele, há uma gradação quanto à independência das leis com conseqüente e compensatório aumento da relação de afetividade na formação da cultura ocidental. A religião judaica possui uma lei escrita, cuja centralidade está ausente nos povos pagãos. Já os cristãos, em contraste com os pagãos e os judeus, têm uma lei viva e visível, que é o próprio Cristo, e por este motivo são os únicos que têm e dão o poder para resistir aos pecados. Tal poder só pode ser entendido em conexão com o conceito de milagre, que o filósofo germânico explica da seguinte maneira:

O Redentor milagroso nada mais é que o desejo da afetividade realizado, o desejo de ser livre de leis, i. e., de condições às quais a virtude está presa por vias naturais, o desejo realizado de ser libertado dos males morais repentina e imediatamente, num passe de mágica, i. e., de modo absolutamente subjetivo, afetivo (FEUERBACH, 2013, p. 156).

Lutero, uma das influências de Feuerbach e a quem ele se refere em certos pontos da obra, explica que esse efeito mágico da fé se dá em decorrência de um milagre psicológico que o próprio Deus aplica ao homem, mas cuja natureza é fundamentalmente afetiva. Feuerbach parte dessa afirmação de Lutero para dizer que esse mesmo Deus milagroso transcendente é a essência da afetividade escondida, fechada, e que, seu outro lado, a essência aberta, é o Cristo, concretização do desejo² humano de ver a Deus, o qual só poderia ser realizado quando o verbo divino se fizesse carne e habitasse entre nós, no espaço e no tempo.

A religião cristã conseguiu que Deus se realizasse com essência e consciência do homem, por meio da encarnação divina, que nada tem de transitória, pelo fato de mesmo após a morte e ascensão de Cristo, ele ter permanecido como homem, seja formal ou afetivamente, apenas o seu corpo deixou a forma terrena e, desta maneira, não está mais submetido ao sofrimento. A encarnação também caracteriza o Deus

² Segundo Espíndola (2015), o desejo está associado a algo que o homem anseia, mas não pode conseguir com seus próprios esforços e, por isso, está vinculado à origem de Deus e da religião.

cristão como sendo um Deus pessoal. Pessoalidade que não é nada mais do que dizer que “Deus é um ser humano, Deus é homem” (FEUERBACH, 2013, p. 158).

O fato de Deus ter se feito homem, para Feuerbach, faz com que ele tenha que sofrer assim como os humanos sofrem para se tornar uma realidade para os humanos. E o fato dos primeiros cristãos terem visto o Cristo apenas reforça o sentimento, isto é, a afetividade. Por isso, o sofrimento de Cristo se tornou para os cristãos “o mais elevado consolo da afetividade” com o qual o ser humano vê seu desejo por um Deus pessoal satisfeito. Desta forma, pode-se entender por que Feuerbach afirma:

Somente Cristo é o Deus pessoal – ele é o Deus verdadeiro, real dos cristãos, o que não pode ser repetido frequentemente. Somente nele se encontra a religião cristã, a essência da religião em geral. Somente ele corresponde ao anseio por um Deus pessoal; somente ele é uma existência correspondente à essência da afetividade; somente nele se reúnem todas as alegrias da fantasia e todos os sofrimentos da afetividade e a fantasia. Cristo é a unidade de afetividade e fantasia (FEUERBACH, 2013, p. 160).

Ao se compreender o Cristo como a unidade entre a afetividade e a fantasia, entende-se, então, a possível diferença entre o cristianismo e as outras religiões. Diferença que consiste apenas no fato de que o Cristo une a fantasia às coisas do coração, enquanto as outras religiões separam esses dois elementos. Vale ressaltar que a fantasia, neste caso, por ser limitada pelas necessidades do coração, é descrita por Feuerbach como sendo simplesmente o coração vitorioso e triunfante da humanidade desejosa.

3.2 O CONTRASTE ENTRE CRISTIANISMO E PAGANISMO

Para esclarecer mais o que diferencia o cristianismo e o paganismo, Feuerbach apresenta a tese de que “Cristo é a onipotência da subjetividade e o coração libertado de todas as cadeias e leis da natureza” (FEUERBACH, 2013, p. 162). E, precisamente por isso, Cristo é a concretização de todos os desejos do homem, condensados simbolicamente no céu e na ressurreição. Por esses motivos é que o filósofo coloca o redentor cristão como sendo o diferencial central entre o cristianismo e o paganismo.

Outra diferença entre essas duas perspectivas reside no fato de, no cristianismo, o homem se concentrar em si mesmo. Distancia-se, assim, de sua relação com o universo para, desta maneira, tornar-se um ser autossuficiente, absoluto e extramundano. Já os pagãos são exatamente o oposto, pois, ao limitar sua

subjetividade à contemplação do universo pela natureza, contemplação que traz a verdadeira liberdade e que faz com que não se escondam da natureza nem se concentrem somente em si. Desta forma, os pagãos acabam por ser verdadeiramente livres, ao contrário dos cristãos, que tinham sua liberdade fundada na afetividade e na fantasia, ou seja, no milagre.

Esta diferença parece mais clara quando se foca no conceito de homem enquanto indivíduo, que para os antigos derivava do sentido de espécie ou de comunidade, e isto significa dizer que consideravam as qualidades da espécie e desprezavam o indivíduo. Esse conceito foi invertido pelo cristianismo, que privilegia o indivíduo em detrimento da espécie. Por isso, “os antigos sacrificavam o indivíduo ao gênero; os cristãos o gênero ao indivíduo” (FEUERBACH, 2013, p. 162).

Para Feuerbach, o fato de o conceito de divindade ser semelhante ao conceito de humanidade, no sentido de que todas as qualidades atribuídas a Deus são qualidades que o ser humano possui de forma restrita, faz com que este seja o objeto de uma providência divina imediata. Os pagãos, por sua vez, acreditam numa providência apenas mediata, ou seja, que depende apenas do homem e de suas leis e que, por esse motivo, não é milagrosa.

Por Deus ter características semelhantes às humanas é que Feuerbach diz que no cristianismo Ele nada mais é do que a contemplação do gênero com a individualidade, i.e, do universal com o particular. Portanto, para os cristãos, o indivíduo e o gênero têm a mesma importância, o que é o mesmo que dizer que o próprio indivíduo é a existência perfeita do gênero.

Segundo Feuerbach, no cristianismo, o símbolo da unidade imediata entre o gênero e a individualidade é o Cristo, ser perfeito tanto moral com divinamente. Este ser perfeito pode ser comparado ao Adam Kadmon dos pagãos, mas com a diferença de que o homem puro e celestial para os pagãos é contemplado como a totalidade da humanidade, e não como indivíduo e pessoa. Essa diferença leva o pensador alemão a afirmar que:

Característica é a diferença entre cristianismo e paganismo sob o ponto de vista da relação do indivíduo com a inteligência, com a razão, com o nous. Os cristãos individualizaram a razão, os pagãos transformaram-na numa essência universal. Para os pagãos era a razão, a inteligência a essência do homem, para os cristãos somente uma parte da sua pessoa, para os pagãos era, pois, divina e imortal somente a inteligência, o gênero, para os cristãos o indivíduo. Daí resulta automaticamente a outra diferença entre filosofia pagã e cristã (FEUERBACH, 2013, p. 165).

Feuerbach alerta que a ausência de um conceito cristão de gênero é corroborada pela doutrina da pecabilidade geral do homem, que diz que todo homem é pecador e que só pela convivência fraterna é que o homem pode se tornar um ser completo. Isto é o mesmo que dizer que através do convívio social o homem se transforma em um ser diferente do que é quando está sozinho. Por isso “Sem o gênero o amor é impossível” (FEUERBACH, 2013, p. 167). Para Feuerbach, essa frase pode ser comprovada através da amizade concreta, pois os amigos quando são verdadeiros, isto é, sinceros, completam-se pelo fato de a amizade ser uma virtude não individual, mas comunitária, o que é a base para a religião.

Mas esta base religiosa fundamentada na virtude diz que o homem é incapaz de perder a consciência do gênero porque ela está relacionada com a essência do outro. Então, quando este gênero não é objetificado pelo homem enquanto gênero é objetificado como Deus. Esta objetificação do gênero é que faz com que o conceito deste seja suprido pelo conceito de Deus, que é a identificação do gênero com o indivíduo e, portanto, explica o fato da unidade da essência ser a multiplicidade da existência, ou seja, o fato de Deus ser um só mas se realizar de maneiras distintas.

Multiplicidade esta que faz com que o outro, que aqui representa Deus, seja a consciência objetiva do sujeito, pois o outro é que repreenhe as faltas deste. Assim Feuerbach explica que: “A consciência da lei moral, do direito, da conveniência, da própria verdade só está relacionada com a consciência do outro” (FEUERBACH, 2013, p. 169). Justamente por este excesso de subjetividade é que o cristianismo se fiou na ajuda sobrenatural para superar o “problema” do pecado e, assim, fundamentou a possibilidade de um lugar onde todos seriam perfeitos e imaculados, o céu.

3.3 A OPÇÃO ENTRE O CÉU CRISTÃO OU A IMORTALIDADE

A relação entre o céu cristão e a imortalidade pessoal é vista por Feuerbach como uma coisa extremamente subjetiva, pelo fato dele não passar de um modo de vida sobrenatural e assexuado. Características estas que fazem com que ao definir um objetivo principal para a sua vida, este se torna parte de sua alma, pois passa a ser este o objetivo norteador de seu dia a dia.

Desta forma o filósofo alemão quer nos dizer que o ser humano ao definir seus objetivos, através de uma atividade por ele realizada, deixa de ser somente individual e passa a ter também um sentido coletivo, ou seja, passa a ser não somente para ele, mas também para a espécie. Por esse motivo é que Feuerbach assevera que somente entre os cristãos a imortalidade pessoal encontrou um sentido autoexplicativo:

Mas a unidade imediata da espécie e da individualidade é exatamente o mais elevado princípio, o Deus do cristianismo – o indivíduo tem nele o significado do ser absoluto – e a consequência necessária deste princípio é exatamente a imortalidade pessoal. Ou melhor: a crença na imortalidade pessoal é idêntica à crença no Deus pessoal – i.e., o mesmo que expressa a crença numa vida celestial, imortal da pessoa expressa também Deus tal como é objeto para os cristãos – a essência da personalidade absoluta, ilimitada (FEUERBACH, 2013, p. 180-181).

Draiton Gonzaga de Souza, comentando Feuerbach, explica a questão da vida celestial cristã como sendo uma ilusão que ocorre devido ao caráter fantasioso da religião que trata de desviar o olhar das necessidades terrenas para concentrá-lo num imaginário céu a que ele chama de “quimérico mundo vindouro” (SOUZA, 1994, p.69). Feuerbach fala que o mundo imaginário a que os cristãos chamam de céu só é fantasiado porque estes sintetizam uma personalidade ideal como Deus e concebem a felicidade plena união de si com Ele, que é o portador da essência da vida absoluta, perfeita e celestial.

Por isso, a crença em Deus se tornou para os cristãos a crença na imortalidade, na pureza de um ser ilimitado e que é a chave para a felicidade humana. Assim, podemos entender com Feuerbach que até mesmo as provas populares da imortalidade corroboram a crença cristã da unidade da personalidade divina com a vida plena celestial aberta aos humanos, pois, “se não existe uma vida melhor, Deus não é bom e justo” (FEUERBACH, 2013, p. 182). Portanto, ao se fazer dependente de Deus através da religião, o ser humano também crê que a existência de Deus dependa da sua. O que faz com que a verdade, antes primitiva, passe a ser derivada, isto é, condicionada e expressa na seguinte máxima: “se eu não sou eterno, Deus não é Deus, se não existe imortalidade não existe Deus” (FEUERBACH, 2013, p. 183).

A imortalidade é um tema recorrente entre os místicos cristãos. Mas entre eles esse conceito se funde com o conceito divino, ou seja, para eles, Deus seria a vida imortal que se traduziria na felicidade subjetiva. Portanto, para eles, Deus é o próprio céu. Pelo fato de ambos serem idênticos, o céu passou a ser a chave para os segredos mais sigilosos da religião. Ao ser concebido como a essência revelada da divindade,

o céu também passa a ser a revelação dos pensamentos e das intenções que antes a religião mantinha em sigilo.

Desta forma, pode-se chegar às questões que norteiam a existência do Deus cristão, as quais interrogam sobre o que ele é e como ele é e que desembocam na doutrina da incognoscibilidade, da indefinibilidade de Deus, bem como na questão da insondabilidade do céu. Doutrinas estas que Feuerbach afirma serem frutos do paganismo ainda presentes na religião cristã. Essas doutrinas é que fazem com que os cristãos creiam que realmente exista uma vida eterna que se dá após a morte terrena. O filósofo alemão explica essa ideia ao dizer que a crença dos cristãos no céu é baseada em um juízo que fala que “ela expressa louvor e repreensão; é de natureza crítica; faz uma colheita de flores da flora deste mundo” (FEUERBACH, 2013, p. 185). Isto é o mesmo que dizer que a ideia do céu cristão é uma contradição com a vida terrena, por não passar de uma relação harmônica entre a vida humana e o seu próprio sentimento:

Os cristãos distinguiram entre a vida natural e cristã, entre a vida sensorial, terrena e a espiritual, sagrada. A vida celestial, a outra vida não é outra vida se não a vida já aqui diversa da natural, mas já aqui ao mesmo tempo unida à vida espiritual. O que o cristão já exclui de si aqui, como a vida sexual, já está excluído também pela outra vida (FEUERBACH, 2013, p. 187).

Com isto o autor quer dizer que o cristão renuncia às alegrias mundanas para poder, assim, ser agraciado com as alegrias do céu. Ele só faz essa renúncia porque crê que já possui as alegrias celestiais, pelo menos espiritualmente. Mas essa renúncia não se refere à essência do mundo, pois este apenas não agrada aos cristãos tal como é. Isso é mais bem compreendido quando se pensa em sentimentos como a alegria que no mundo é efêmera e que no céu cristão é eterna e ininterrupta. Por isso o cristão enxerga o seu Deus como sendo a alegria eterna divina e ininterrupta, ou seja, o céu cristão é a contradição da vida terrena, que é falha e limitada.

Segundo Feuerbach, ao pensar na morte, o cristão concebe a fantasia de uma vida alegre na qual a sua alma se completa na presença de Deus, pois Este anseia pelo homem real. E, ao retornar para Deus, a unidade perfeita entre o criador e a criatura é reconstituída. Assim se compreende o que o filósofo de Landshut quer dizer ao afirmar que o corpo sobrenatural é fantasioso, pois atende aos anseios afetivos do homem e isso simplesmente por este não se sentir incomodado pelo seu corpo que é

puramente subjetivo. Subjetividade esta que pode ser entendida pela abstratividade da essência humana que está contida em Deus, mas também na crença do além como sendo a eterna felicidade.

Toda essa relação entre ser humano e religião em Feuerbach pode, em certa medida, ser sintetizada pela ideia de que “o homem é o início da religião, o homem é o meio da religião, o homem é o fim da religião” (FEUERBACH, 2013, p. 190). Ele coloca a religião como a contradição do mundo real e, desta forma, questiona algumas doutrinas cristãs, reduzindo, enfim, a religião à antropologia, ou seja, a um mecanismo psicológico de eufemização da vida concreta.

4 AS CONTRADIÇÕES

Após abordarmos a explicação antropologizante de Feuerbach a respeito da religião e de Deus nesta seção, abordaremos outras contradições importantes para melhor entendimento das críticas feitas pelo filósofo aos fundamentos do cristianismo. As contradições aqui tematizadas serão as seguintes: a contradição na existência de Deus, a contradição na trindade e, por fim, a contradição entre a fé e o amor.

4.1 A CONTRADIÇÃO NA EXISTÊNCIA DE DEUS

Para Feuerbach, o homem concebe a existência de Deus a partir da externalização psicológico-projetiva de sua própria essência, ou seja, ele como que cria um ser diferente de si e totalmente oposto a ele mesmo. Nisso reside certo perigo, pois se trata de um fator propulsor de fanatismo religioso, a exemplo de todas as cenas horrendas existentes na história da religião, como Feuerbach assevera ao falar dos sangrentos sacrifícios humanos (FEUERBACH, 2013).

Esta externalização da essência humana é, considerando-se as formas tradicionais de religião, uma diferenciação espontânea, infantil e ingênua entre Deus e o homem. Isso, porque a religião trata de identificar ambos, para, desta forma, criar um elo de dependência do segundo para com o primeiro. Mas este elo começa a desaparecer quando surge o processo de reflexão crítica acerca da religião dentro da própria religião. Processo este trabalhado pela teologia, que enxerga de forma positiva, a tentativa de fazer com que a cisão entre Deus e o homem, que antes era tida como tranquila, se torne uma diferenciação intencional, que visa tirar a ideia de unidade que já existia na consciência humana. Sobre isso Feuerbach nos assevera que:

Por isso, quanto mais próxima a religião ainda estiver da sua origem, tanto mais verdadeira e sincera será ela, tanto menos ocultará ela esta sua essência. Isto significa: na origem da religião não existe uma diferença qualitativa ou essencial entre Deus e o homem (FEUERBACH, 2013, p. 203).

Podemos entender melhor esta originalidade da religião através do paralelismo, feito por Feuerbach (2013), entre os judaísmos antigo e posterior. Enquanto no judaísmo antigo Deus era distinto do ser humano somente quanto ao tipo de

existência, pois quando se tratava das qualidades, inclusive corporais, ele se equiparava ao homem, no judaísmo posterior, assim como no cristianismo, esta separação entre o ente divino e o humano se tornou mais evidente e acentuada. Segundo Feuerbach (2013), para evidenciar esta separação se recorreu a alegorias, dando novo sentido ao que ele considerou ser antropopatias. Essa diferença também pode ser observada no cristianismo ao notarmos que, em seus primeiros documentos, não se fixa decisivamente a questão da divindade de Cristo, o que vem a ser feito pela Igreja posterior ao diferenciá-lo dos homens e defini-lo como um ser eterno e incriado.

Desta forma, pode-se afirmar, com Feuerbach, que as provas da existência de Deus são contraditórias à essência da religião pelo simples fato dessa existência ser colocada como objeto de uma prova formal que externaliza a essência humana numa outra essência sem fundamento concreto. Pode-se entender melhor esta contradição ao se observar o que o pensador germânico explica sobre ela:

O contraditório ao sentido religioso está somente no fato da existência ser pensada separadamente, surgindo daí a ilusão de que Deus seria um ser somente pensado, existente na ideia, ilusão esta que é imediatamente suprimida; pois a demonstração prova exatamente que Deus é um ser diverso do pensado, um ser exterior ao homem, ao pensamento, um ser real, um ser por si (FEUERBACH, 2013, p. 204).

A fim de explicar esta contradição gerada pelo próprio homem, que abstrai de si a essência infinita e a denomina Deus, Oliveira (1984) afirma que, ao proceder assim, o homem tenta superar o conflito existente entre ele e a divindade, produto de sua consciência. Por ser objeto da consciência humana é que Deus acaba por ser um ser real e sensorial e que, por isso, existe, mesmo que o homem não exista, pense e o sinta. Isso, segundo a fantasia humana. Segundo Feuerbach, ironicamente, essa relação acaba por ser mútua: se Deus não existe para o homem, então o homem não existe para Deus, ou seja, se o homem não pensa e acredita em Deus, logo Deus não existe para o homem. Claro, se se pressupõe que Deus nada mais é que projeção de uma idealização humana.

Com isto, Feuerbach chega à hipótese de que Deus - o Deus projetado - seria, incongruentemente, um meio termo entre a existência sensorial e a existência pensada, que pode ser mais bem compreendida se pensarmos que o Deus cristão só existe para aquele que o pensa e o sente. Mas neste sentir é que está a contradição, pelo fato de que Deus só existe para e só é sentido por aquele que tem uma experiência empírica dele e, só após esta experiência, passa a crer, senti-lo e amá-lo.

Para o filósofo alemão, ao procurarmos a prova da existência divina, esta extrapolaria as fronteiras racionais pelo fato da sensorialidade só poder ser provada pelo nossos sentidos e a divindade ter o significado de uma existência exterior ao homem e que por isso não depende de sua intenção ou do seu espírito (FEUERBACH, 2013). Essa contradição na existência de Deus em si ganha novo relevo ou é intensificada, para Feuerbach, com o dogma da trindade cristã.

4.2 A CONTRADIÇÃO NA TRINDADE

Feuerbach entende que o conceito cristão de trindade nada mais é que a tradução imaginativa em três pessoas de três conjuntos de características fundamentais da própria essência humana que o homem assimila de si e personifica em Deus. Por isso, o filósofo alemão vê a trindade como sendo, também, a contradição entre o politeísmo e monoteísmo, numa tentativa da consciência humana de sintetizar o múltiplo pedido pela imaginação e o uno, pedido pela razão. Tal contraposição é expressa por Feuerbach de modo elegante, com tom entre o irônico e o poético, na seguinte afirmação: “A trindade dá ao homem a pretensão de se pensar o contrário do que se imagina e de se imaginar o contrário do que se pensa – pensar fantasmas como seres” (FEUERBACH, 2013, p. 233).

Mas esta contradição não quer dizer que as três pessoas da trindade tenham essências diferentes, pois apesar de serem três as pessoas, elas possuem uma única essência. Essência esta que não tem uma existência separada, pois caso contrário isto colocaria em xeque a dogmática cristã que diz que as três pessoas da trindade são, na verdade, uma única pessoa que, além de serem imaginadas, querem e devem ser reais na unidade divina.

Com isto, podemos entender a colocação de Feuerbach que diz que unidade, além de significar essência, significa também existência, pois é a forma da existência de Deus, que é um ser pessoal constituído de três pessoas. Assim se pode entender esta distinção com a afirmação feita por Feuerbach de que a trindade divina é constituída de pessoas diferentes, mas que esta diferença entre elas não gera uma essência distinta para cada uma delas. Contudo, é justamente nessa insistência da dogmática cristã em afirmar a unidade na trindade que se revela, para o filósofo, a verdade do Deus cristão: que essa única essência, apesar da multiplicidade de pessoas, corresponde à, também, única essência humana (FEUERBACH, 2013).

4.3 A CONTRADIÇÃO ENTRE FÉ E AMOR

Ao entendermos o segredo misterioso presente na religião em geral e, mais especificamente, no cristianismo, que consiste na unidade existente entre as essências humana e divina, podemos compreender também a contradição entre fé e amor. Feuerbach aborda esta contradição, afirmando a fé como sendo a forma consciente da religião e o amor como sendo aquele que revela a essência oculta da religião. Ele explica isso de forma clara na seguinte passagem:

O amor identifica o homem com Deus, Deus com o homem, portanto, o homem com o homem; a fé separa Deus do homem, portanto, o homem do homem; porque Deus nada mais é que o conceito genérico místico da humanidade, a separação de Deus do homem é, portanto, a separação do homem, do homem da dissolução da união comunitária (FEUERBACH, 2013, p. 246).

Ao fazer tal afirmação, o pensador germânico quer nos explicar que, enquanto a fé é objetiva, ou seja, corresponde ao fundamento único da religião para a coletividade, o amor é subjetivo, isto é, significa que Deus não quer condenar o homem individual por suas escolhas, e sim acolhê-lo como um pai acolhe um filho que está afastado. Com isto, Feuerbach fundamenta a sua tese de que a única diferença entre os cristãos e os pagãos é a de que, enquanto aqueles conhecem o seu Deus cara a cara, estes apenas sabem o que é Deus, mas seu conhecimento para aí, pois não sabem, na verdade, quem é Deus e, por isso, caíram na idolatria. O que o filósofo quer indicar é que o cristianismo, devido à crescente racionalização da fé que herdou, chegou mais próximo de compreender a verdade de que a identidade divina corresponde a essência desejante do homem.

Mas o filósofo também afirma que a fé faz da sua causa a causa da consciência e do interesse instintivo pela felicidade e isso se dá pelo fato de seu objeto, isto é, Deus ser um ser especial que faz com que a felicidade do ser humano dependa deste reconhecimento. Esse mecanismo da fé determina que o homem negue seus próprios méritos e os atribua a Deus, para que eles satisfaçam o seu desejo de se sentir honrado. E isto confere à religião o seu princípio característico, que é o de ser o ativo natural transformado num passivo.

Para explicar este princípio, Feuerbach recorre novamente à comparação entre cristãos e pagãos, desta vez para dizer que este se eleva e aquele se sente elevado, ou seja, “o cristão transforma numa questão de sentimento, de sensibilidade, o que

para o pagão é uma questão de atividade natural” (FEUERBACH, 2013, p. 248). De todo modo, no fim das contas, isso acaba sendo o mesmo que dizer que o homem não é objeto de sua própria atividade e sim da atividade de Deus. Tanto cristãos como pagãos estão a serviço de alimentar a vida da divindade por eles projetada.

O fato de a fé ser, por essência, uma fé determinada, em que apenas Deus é o verdadeiro Deus e Jesus, o Cristo, Seu filho unigênito, ser a determinação da fé, faz com que os cristãos devam crer nele para, desta forma, não perder a felicidade. Por esses motivos é que a fé precisa ser fixada como dogma. Para Feuerbach, o dogma só tem a função de dizer o que já existia na mente ou na língua original da fé. Assim, a fé é constituída de uma imensa gama de dogmas, que não a tornam inválida, mas apenas determinam no que ela deve crer e qual o caminho deve seguir para obter a felicidade. Por isso, o pensador define a crença da seguinte maneira:

Crer significa o mesmo que ser bom, não crer o mesmo que ser mau. A fé, limitada e presa, empurra tudo para a intenção. O descrente é para ela descrente por teimosia, por maldade, um inimigo de Cristo. Por isso a fé assimila para si somente os crentes, mas os descrentes ela repudia. Ela é boa para com os crentes, mas má para com os descrentes (FEUERBACH, 2013, p. 250).

Desta forma, pode-se falar que tudo aquilo que é bom a fé toma como sendo seu, assim como o amado faz com sua amada, e tudo aquilo que é de origem má ela faz questão de colocar na conta da descrença. Assim, Feuerbach explica que a fé é o batismo do amor, mas que esse amor não é aquele natural do homem enquanto homem, e sim o amor cristão, que é sobrenatural, transfigurado e sacralizado (FEUERBACH, 2013).

Este fator nos leva a entender por que o filósofo alemão defende a ideia de que, para a fé, a diferença entre o homem e o animal é baseada apenas na fé religiosa, que o animal não tem pelo fato de não ter uma religião. Fé esta que deixa o julgamento moral, que diz respeito à qualidade de sua moral, ou seja, se ela é honesta ou não, para Deus e que, por isso, afirma saber os que vão ficar à direita ou à esquerda de Deus, mas que não consegue determinar as pessoas.

Por isso Feuerbach assevera que a fé é implacável como o fogo devorador para quem se opõe a ela, e a coloca, assim, como sendo essencialmente partidária e intolerante, diferentemente do amor. Partidária por dizer que quem não está a seu favor está contra ela. Intolerante por estar sempre ligada à ilusão de que a sua causa e a sua honra são a mesma causa e a mesma honra de Deus, ou seja, o interesse do

crente é o mesmo desejo de Deus. Isto significa que só a fé presta honra a Deus e que a descrença faz o inverso e, por isso, esta é tida como uma ofensa a Deus ou até mesmo um crime de lesa-majestade. Esta ofensa ao seu Deus é que faz com que a fé não consiga enxergar o que é bom e verdadeiro que possa existir na idolatria. Desta maneira, a fé pede a existência de um lugar onde não exista uma oposição a ela, ou seja, um local onde ela exista apenas para glorificar o seu triunfo orgulhoso sobre seus inimigos. Este lugar é o inferno, que é onde ela pode contemplar o sofrimento dos não crentes e desta forma agradecer a Deus pela sua salvação (FEUERBACH, 2013, p. 253-254).

Por isso é que somente quando a razão toma o lugar da fé, através do humanitarismo, pode-se tentar enxergar no politeísmo e na idolatria algo de positivo sobre o que antes a fé dizia ser coisa do diabo. E, assim, o amor, por ser o mostra-se como o oposto da fé, pois consegue ver mesmo no pecado a virtude e no erro, a verdade. O amor tem, assim como a razão, uma natureza mais livre e universal, ao contrário da fé, que tem sua natureza como sendo limitada e estreita.

A própria história da religião cristã retrata quando os crentes negam todas as crueldades realizadas por sua religião, dizendo que isso não vem de sua religião, sendo que, na verdade, advém dela, por terem como origem a fé. Fé esta que, como já foi mencionado acima, apropria-se do que é bom para si, mas nega o que não é bom, dizendo que isso é obra do inimigo. Feuerbach explica a questão da negação de que o mal causado pelo cristianismo seja culpa do próprio cristianismo da seguinte forma:

Mas exatamente aí, no fato da fé negar que o mal no cristianismo seja a sua culpa, temos a mais contundente prova de que ela é realmente a causadora dele, porque é a prova da sua limitação, partidarismo e intolerância, pela qual ela só é boa para si, para seus adeptos, mas perversa, injusta, contra tudo mais (FEUERBACH, 2013, p. 250).

Com isto, pode-se entender o jogo entre o bem e o mal executado pela fé, com o qual ela atribui ao homem todo mal que é praticado pelo cristão e toma para si todo bem praticado pelo cristão, ou seja, pelo homem. Este jogo corrobora os atos cruéis dos praticantes do cristianismo como sendo parte da essência da fé. Fé esta que foi expressa no mais antigo manuscrito sagrado da cristandade, isto é, na Bíblia. Para explicar a diferença entre a fé presente nos textos bíblicos e a fé de épocas posteriores, Feuerbach se vale do exemplo do germen e da planta, mostrando que não conseguimos enxergar na Bíblia a fé como ela é professada hoje. Mas, com

certeza, ela já estava presente lá, pois ela só se transforma em ódio, capaz de perseguir algo ou alguém, quando se encontra com algo oposto a ela, como por exemplo o amor, o humanitarismo ou o sentimento de justiça. Por isso, a fé, por ter como objeto uma personalidade divina, faz com que a eterna felicidade dependa desta, e não apenas de que o homem cumpra seus deveres comuns. Mas isso não significa que o homem não necessite de amar, pois, segundo Feuerbach, sem o amor, a fé tornar-se-ia contraditória, uma vez que tem sua essência limitada pela moral. Assim, se ela não se manifestar através do amor, não poderá ser uma fé válida para um cristão, e isso acaba por contradizê-la justamente pela dependência da verdadeira moral, que para o cristianismo se traduz em amor.

O fato de a fé levar o homem a tentar ser melhor faz com que compreendamos o que de fato é a eterna felicidade defendida pelos cristãos e que ela dependa de negar o que, por sua natureza humana, pode ser uma dificuldade, como, por exemplo, não ter inveja, ambição e orgulho. Mas o homem não tenta desenvolver essas características por si só, e sim por gratidão a Deus e por tudo que Ele faz em seu favor. Isto influencia o conceito de virtude, que passa a ser entendido como o conceito de sacrifício recompensador. Isso acaba por ser contraditório com a natureza humana, já que essa virtude não corresponde a uma virtude real, e sim aparente. Desse modo, o cristianismo acaba por validar tanto os atos provenientes do amor como os provenientes da fé, mesmo que estes últimos não estejam em consonância com o amor. Assim, podemos entender a seguinte afirmação de Feuerbach:

A Bíblia condena através da fé, perdoa através do amor. Mas ela só conhece o amor fundado na fé. Portanto, já também aqui um amor que amaldiçoa, um amor incerto, um amor que não me dá nenhuma garantia de que ele não vai se afirmar como desamor; pois se eu não reconheço os artigos de fé, então já sai fora do campo e do reino do amor, sou um objeto da maldição, do inferno, da ira de Deus, para a qual a existência dos descrentes é um escândalo, um espinho no olho (FEUERBACH, 2013, p. 261).

Para Feuerbach, o fato de o amor cristão ser fundado sobre o nome de uma pessoa faz com que ele só exista ao associarmos ao nome desta pessoa concepções supersticiosas, como, por exemplo, as de caráter religioso ou especulativo. Desta maneira, o filósofo alemão defende que o amor de Cristo foi um amor derivado, pois ele não nos amou por si mesmo, ele apenas nos amou por causa de nossa natureza humana. Assim entendemos por que o enobrecimento do Cristo se deu pelo seu amor

pela humanidade do homem, pois o conceito de amor é um conceito autônomo, que não pode ser retirado apenas quando se observa a vida de Cristo.

Mas o cristianismo fez com que o amor perdesse a sua característica de ser imediato, ao associá-lo a um fenômeno especial, que é o próprio cristianismo, que, por si só, limita o que em sua essência tende a ser ilimitado. Segundo o cristianismo, o amor, para ser verdadeiro, precisa passar pelo próprio evento da salvação de Cristo. Assim, o homem não tem mais o poder de amar por si, como algo de sua natureza. Desta forma, pode-se entender a razão que fez o filósofo alemão afirmar que, no amor e na razão, a necessidade do Cristo se desfaz, pois enquanto o primeiro corresponde à subjetividade humana, o segundo corresponde à objetividade humana.

Ao entendermos isto, torna-se mais clara a razão pela qual Cristo amou os homens e por isso quis trazer a felicidade e unir a todos; e quando se diz todos, lembremo-nos de que Cristo não fazia qualquer tipo de distinção, como a fé normalmente faz. Por isso, Feuerbach diz que Cristo é a imagem do amor da humanidade a si mesma, pois ele é somente um ideal e, portanto, o amor é uma característica marcante de seus discípulos, que além de amar também se sentiam amados.

Desta forma, nesta seção do presente trabalho foram abordadas algumas contradições apontadas por Feuerbach no cristianismo. Primeiro foi tratada a contradição na existência de Deus, logo após a contradição na trindade e finalizando a seção a contradição entre fé e amor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho visou mostrar como o pensamento feuerbachiano tem um lugar relevante na história da filosofia, ao marcar a passagem da corrente idealista à materialista pela redução da teologia à antropologia, o que tem influenciado tanto correntes filosóficas quanto teológicas. Esta relevância é bem marcada pela influência do filósofo de Landshut sobre outros filósofos, como Marx, Engels, Stirner e Nietzsche, chegando aos conceitos imanentistas do homem presentes nas filosofias contemporâneas.

Com isto, nota-se que a crítica feuerbachiana à religião se caracteriza por uma redução de todas as representações do pensamento cristão à mera antropologia. Com esta redução, a religião passa a ser concebida como antropoteísmo, na medida em que o homem é o seu próprio deus e os atributos do Deus cristão passam a depender da estrutura de um discurso antropológico. Mas Feuerbach não nega totalmente a ideia de divindade como qualidade efetiva, apesar de colocar o homem como seu portador, em vez de o Deus cristão. Neste sentido, entende-se o ateísmo feuerbachiano como sendo antropológico pelo fato de inverter a posição de Deus com a do homem.

Diante deste panorama, emerge um alerta para que este pensador não sofra a discriminação daqueles que só veem pontos negativos em discursos de cunho ateuista, pois essa seria uma postura pouco honesta intelectualmente. Mais precisamente, o ateísmo de Feuerbach deve ser visto como um humanismo exclusivista, ao propor que o homem deve escolher entre ele mesmo e Deus, ante o que o pensador opta pelo homem. Com isso, Feuerbach defende a ideia de que o homem só conseguirá afirmar-se plenamente quando tomar novamente para si os atributos que outrora ele mesmo concedeu a Deus.

Para Feuerbach, o que caracteriza a religião é a relação entre a fé e a moral religiosa que se dá pelo estabelecimento das leis morais resumidas pelo cristianismo nos mandamentos de Deus. É pela análise da natureza destes mandamentos que o filósofo desenvolve a crítica de que Deus é compreendido como um ser diverso do homem, ao qual o este atribui tudo aquilo que é bom, sobrando para si somente o que há de pior.

Isto acaba por ser contraditório, pois, por exemplo, se o homem recebe uma ajuda de outro, ao invés de agradecer a quem o ajudou, trata de agradecer primeiro a

Deus e, desta forma, acaba sendo ingrato com a própria pessoa que o ajudou. Por isso, o homem religioso executa todas as suas ações relacionadas à Deus, porque nisto encontra uma reciprocidade divina.

Reciprocidade esta que pode ser entendida pelo fato de o homem pensar e amar a Deus apenas porque este também pensa e ama o homem e desta forma Deus detém a verdadeira intenção, aquela que é repleta de alma, ou seja, o coração humano. Desta forma, entende-se que, para Feuerbach, a religião cristã se funda basicamente na fé e no amor, que, como fora exposto, apesar de se contradizerem, complementam-se pelo fato de a fé não se concretizar sem o amor.

Assim, podemos compreender o porquê de que tudo aquilo que o homem fala e prega a respeito de Deus na verdade não passar de uma revelação acerca de anseios, projetos e aspirações meramente humanos. Fato que faz com que o homem não deva amar nem crer em Deus, e sim nele mesmo, e, por isso, não deva se interessar pela vida eterna, mas investir todas as suas forças e habilidades na vida que ele vive aqui.

REFERÊNCIAS

ALBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni. **História da filosofia**: Do romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991. p. 171-174.

ESPINDOLA, Arlei de. **Sentido da crítica à religião no pensamento de Ludwig Feuerbach**. Revista Dialectus. Fortaleza, ano 2, n. 6, p. 85-107, jan./ago. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/5210/3842>>. Acesso em 07 out. 2019.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2013.

MONDIM, Batista. Ludwig Feuerbach: a idéia de Deus se originou do homem. In: _____. **Curso de Filosofia**: Os Filósofos do Ocidente. São Paulo: Paulus, 1981-1983. Coleção Filosofia; 3.

OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. **Filosofia transcendental e religião**: Ensaio sobre a filosofia da religião em Karl Rahner. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

SOUZA, Draiton Gonzaga de. **O Ateísmo Antropológico de Ludwig Feurbach**. Porto Alegre: 2ª ed., 1994.

SPENLÉ, J.-E. **O pensamento alemão**: de Lutero a Nietzsche. 2 ed. Trad. de Mário Ramos. Coimbra: Arménio Amado, 1973. Coleção Studium.

ZILLES, Urbano. Feuerbach: sua crítica sua religião e seu ateísmo In: _____. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulus, 1991. Coleção Filosofia.